

O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 14.

JULHO 15.

1856.

FREI THOME' DE JESUS.

ENTRE os classicos mais selectos do nosso paiz, assim pela epocha do seu florecimento como pelas qualidades valiosas do seu estilo, figura na primeira linha o graciano Frei Thomé de Jesus, natural de Lisboa, onde fallecêra, em cheiro de virtude, no anno de 1582; depois de haver soffrido o captiveiro d'Africa, na desastrosa perda d'elrei D. Sebastião nos campos d'Alcacer-quivir.

Os escriptos d'este nosso classico, entre os quaes avultam os sens affamados TRABALHOS DE JESUS, muitas vezes reimpressos em nosso paiz, são escriptos do maximo valor para a nossa historia litteraria.

Crêmos, pois, fazer um muito valioso serviço ás nossas letras, trazendo agora a lume um inedito do nosso veneravel graciano, inedito este, cujo authographo tivera outr'ora em seu pòder, com a estimação e recato que este escripto merecia, o novo laborioso abbade de Sever, Diogo Barbosa Machado, muito erudito auctor da BIBLIOTHECA LUSITANA.

E' uma carta curiosa sobre a morte e o interro d'elrei D. João III, escripta de Lisboa, a 14 de Junho de 1557, aos seus irmãos religiosos, da reforma descalça dos eremitas de Sancto Agostinho, começada em Portugal no anno de 1574, e ao depois propagada por todos os confins da Europa.

E' uma carta fielmente copiada d'uma copia fidelissima, extrahida do proprio original do nosso veneravel religioso, e apenas revestida das fórmulas vocabulares da nossa idade, e a final annotada como conyinha, para mais

facil intelligencia dos menos lidos dos nossos leitores.

O Espirito Sancto, consolador e amparo de attribulados, console suas almas, que creio que estarão já com a dôr que nós temos, da morte de nosso pae, rei, e senhor, tam subita e tam inopiada como foi, e lhes dê o amparo espiritual de sua graça, e temporal de cabeça tal, qual foi a que perdemos: amen.

Ainda que creio que já terãõ lá certeza da morte del-rei nosso senhor, porem, por mo mandar nosso padre, e eu o ter já assim determinado de fazer, e por que muitas cousas se dizem lá e cá, que não foram assim; para saberem a certeza do que passa, lhes quero contar por ordem tudo: ainda que folgára eu muito de ter perdidas as virtudes, e forças naturaes do corpo, que tel-as para haver de escrever o que agora ouvireis.

Quarta feira, infra-octavas pentecostes, sahiu elrei nosso senhor, que sancta gloria haja, ouvir missa á Misericordia, quasi indo em pessoa a chamar lá misericordia, que d'ahi a pouco tempo o havia de levar á sepultura; e, assim, foi esta derradeira sahida quasi só, para o seu costume.

E ia ainda muito bem disposto: e ouvida a missa, se tornou muito depressa ao paço, com muita infinda gente, mal disposto de uma perna, mas pouca cousa. Tudo isto viu um padre desta casa: e chegando ao paço, se encerrou em uma camara só, sem ninguem, onde esteve muito grande espaço só, depois do qual chamou e pediu agua rosada, com a qual lavou rosto e mãos, e tornou a estar só outro pedaço, donde sahiu a jantar muito melancholisado, e jantou mal: e á tarde teve uma febreinha muito peque-

na. Quinta feira se levantou, e andou um pouco achacoso: dizia que era de não dormir com cuidado do príncipe, que tivera uma febre, e arrevesára, e não dormia, mas Deus sabe o que era. Contudo, não tinha doença que o fizesse estar em cama. E á sexta feira se levantou tarde, e ouviu missa em casa, e jantou muito bem assombrado, e assim esteve toda a sexta, que ao parecer estava bem até ás quatro horas; as quees dadas, nos chamaram á procissão, precipuè pelo príncipe que Deus guarde, a qual sahia da Sé á Misericordia. Sahindo nós da Sé, chegou um recado que fossemos a Jesus de S. Domingos, com a procissão por el-rei, que estava muito mal; e assim se fez, e houve pègação. De maneira que perto das cinco se começou elle de agastar, e chamou confessor que estava na meza da consciencia; e confessor se das cinco até ás oito. E logo de S. Geoan lhe levaram o Senhor, e chegando nós ao rocio, nos deram novas que lhe não achavam pulso. Acabando de comungar, começou a concertar seu testamento, o qual não acabou de fazer, com as mesinhas e com os agastamentos. Mas segundo me disse o confessor da rainha, o substancia delle o fez, e assignou. A's dez horas se achou mais leve, e despojou para repousar, e ás onze chamou; e vendo que carregava o acidente, pediu a Uncção, a qual lhe trouxeram logo. E quando já chegou, não fallava, mas recebeu-vivo: a qual recebida, sendo já meia noite, em quanto podião dizer uma terça resada = expiravit = levemente, e sem movimento nem trabalho, mais que o mortal que éo amor de todos.

De maneira que em septe horas, a saber, desde as cinco ás doze, acabou. A isto não estive eu presente, mas soube-o do confessor da rainha, e de Luiz Gonçalves, que ali se achavam presentes: e delles soube, que quando el-rei pediu a Uncção, que se recolheu o cardeal e os outros senhores, e só a rainha se foi para el-rei, e com elle esteve até expirar, sem botar lagryma, e acenando a todos que ninguem chorasse alto, por não inquietar a el-rei. Ella o consolava e animava a passar alegremente aquelle pas-

so, com muitas palavras christans e devotas: ella lhe teve com grande coração a candeia em a mão, e lhe fechou os olhos.

E acabando elle de expirar, se foi cobrir de dó, e se poz em um oratorio com quatro velas no altar, e frontal e dozel de veludo carmesim, com o braço de S. Sebastião; onde o padre Montoia a visitou e consolou, ou para melhor dizer, ella consolou ao padre, que ainda que com muitas lagrymas, com tudo, mui inteira na rasão e na modestia exterior, sem nenhum extremo, se amostrou estar muito conforme com a vontade do Senhor Deus, e receber tudo de sua mão. E que rogava muito aos padres, que a incomedassem a nosso Senhor.

(Continúa)

ORIGEM DAS GAZETAS.

Une invention, une découverte, une industrie nouvelle, ont souvent influé sur la destinée d'un empire.

Histoir, des Invent & Découv.

Uso das publicações periodicas, a que modernamente, depois da invenção da imprensa, se der o nome de *gazetas*, é antiquissimo na China, imperio formidavel na Asia. E foi em Veneza, no correr do anno de 1563, que estas publicações periodicas assim foram denominadas, em virtude de se pagar então pela sua leitura uma gazeta, pequena moeda corrente, cujo nome generico herdaram os jornaes até hoje.

Os gregos tinham d'estas gazetas entre si, ás quaes davam o titulo de *ephe-merides*, nome reservado hoje com mais especialidade para os livros em que se apontam por dias os successos e os acontecimentos, qualquer que seja o assumpto dos dictos livros. E os romanos, que dos gregos herdaram nas letras o que a Grecia havia de mais importante, tinham tambem entre si, alem dos seus *annas*, uma gazeta em que consignavam os factos notaveis de cada dia, sob o titulo generico de *dianum*.

E antes do consulado de Julio Cesar, nos annos de Roma 625 ou 59 antes de Christo, já tinham os romanos os seus celebres periodicos das *acta diurna*.

Nos tempos modernos, começaram em Veneza as *gazetas* mais notaveis, no predicto anno de 1553, com o titulo jornalístico de *nouzzie scritte*. Em França começou a sua *gazeta* em 1631, por privilegio de Luiz 14. começando o *jornal dos sabios* por 1665, e o *Mercurio* por 1672. E a nossa *gazeta* de Portugal começou em 1715, continuando sob diversas denominações até o anno de 1834. O *diario do governo*, que desde este ultimo anno se ha sempre publicado sem interrupção até agora, foi o substituto da *gazeta de Lisboa*.

Durante a lucta civil da celebre guerra entre os partidarios de D. Pedro e D. Miguel, concedida na Ilha Terceira e terminada na cidade do Porto, publicaram-se tambem a *chronica da Terceira* e a *chronica do Porto*, *gazetas* que ao seu tanto substituíam então a *gazeta de Lisboa*, não obstante a publicação desta mesma *gazeta* na capital do nosso paiz.

As collecções d'estas nossas publicações periodicas, *gazeta* — *diario do governo* — *chronica da Terceira* — *chronica do Porto* são, n'um pouco vulgares hoje; e pagam-se mesmo por bem sabidos puzços algumas das collecções mais completas, que por ventura apparecem.

Na bibliotheca da imprensa nacional de Lisboa existe uma preciosa collecção d'estas nossas *gazetas*, nas quaes se acham consignados muitos factos e acontecimentos, de que de balde se procuraria achar n'outra parte o seu competente registro.

C. V. e C.

O ESTUDANTE.

UMA CCUSA (UE TARECE ROMANCE.

(Continuado do n.º 11.)

V.

A leitura da carta fez estalar, com uma conscienciosa gargalhada os côs das calças novas de cotim, do reverendo reitor. O Tom do padre ainda hoje riria, senão tivesse d'explicar

aquella charada sem conceito, ás intelligencias charitativas, que o ollavam attento, como um romanceiro do Tarnaso, que espera ouvir a decisão do oraculo Delphico.

— Então, e desta carta que lhe prevêem toda a sua grande desgraça, senhor Ignacio?

— É, é, senhor, por negros dos meus pecados.

— Vallão Deus a si, e a quem lhe metteu isso na cabeça. Esta carta depois delhe sacudiu-lhe as palayras que nada querem dizer, dá em resultado, que seu filho teve ferias, e pede para que v. me lhe guarde uma cavalgada.

— Levado seja o Senhor. — balluciu o miliciano estendendo o cruce aguilas uma pulga, que desfatigadamente spanbara no franzido da caniza.

— A' de perdoar, senhor reitor, sen' desfeço na sua palayra boçada — acudiu o Fusa sentindo estencur-lhe a cara de orador, e d'interprete de cartas; — porem esta carta falla em Pallenis, e...

— Falla naquillo que v. me quizer. Ora diga-me, tem noticia d'esse nome com que tanto m'aburreu?

— Não senhor, e o anjo da guarda me defende de o ver pela porta, porque senão faço uma morte. Em porem, acho que é...

— Não *acha* nada, por mais que se mate. Este nome não é mais do que um apellido que os antigos deram a Minerva, que é a deusa da sabedoria.

Agora o veias. O Fusa, bufava como um tigre aferrilhado na pulga. O capote, ja não via boia. O pai, contente como um S. Joasimbo, era pitada sobre pitada. O miliciano, e todos os outros eram inmoveis como se um vergão de ferro os clunhasse n'uma pedra.

— E, para que vejam a verdade do que digo, eu lhes vou buscar um livro, onde está tudo isso explicado.

— Ai, credo. Lasta a palayra senhor reitor. — Acudiu o miliciano, ja n'cio arrependido, porque o Fusa fugara-o com um destes olhares, capazes de seccarem o melhar olho d'agua.

O reverendo dirijiu-se á caçada casa da residencia, e trouxe um livro encadernado em pergaminho; em quanto o folheava, o parvo do Fusa, mechiase mais do que talvez o milagroso S. Lourenço se volveu em cima das grelhas do martyrio.

— Ora, aqui tem, meus senhores. Léa, senhor Ignacio — O pai pegou do livro, e depois de soletrar, leu — *Pallenis, sobrenome de Minerva*. Quem poder imaginar a impresso que tam simples leitura produziu em todas as caras, faça-o, porque eu não lho sei descrever. Acreditem que não é modestia. Ao palerma do Fusa, uma côr hia, outra côr vinha. Felismente para elle, havia-se pregado em um pedestal litterario, d'onde não era facil sacudil-o. Todo o homem depois que a opinião publica o proclama herdeiro do Partheon, pede como A. Dumas,

fazer desembrascar *Martim de Freitas em Maíra* e dar a D. *Sancho 2.º* o berço na *Palessina*, sem que esta leve falta lhe macule nem a vida litteraria, nem a sua profunda historia.

Lumieira, entregou o bendito livro, que absolvera o seu querido filho, nas mãos do Fiuza, que o olhava com um rancor concentrado como todo o lavrador sabe olhar, quando um escrivão de fazenda lhe altêa os conhecimentos da decima. Leu o e perguntou ao reitor: — Que quer dizer isto que por aqui está escripto em lettra de mão?

— Isto, são apontamentos de quando eu era rapaz.

O padre Thomaz, guardou o livro n'uma das algebeiras das calças. O sino deu doze badaladas; descobriram-se todos, e resaram as ave-marias, e despediram-se. O pae corria para caza, estudando já pelo caminho, o modo como havia de dar um affectuoso abraço na sua cara metade. O Fiuza bufava como uma bicha (se é que as bichas bufam.) Não houve trambolho, onde este charlatão não tropeçasse. Se não tivesse tam espetada na cabeça a coroa litteraria, chegava provavelmente, a caza sem ella. Os outros, cada um tomou o seu atalho.

Agora, que os preopinantes illustres levam caminho para caza, tenho tempo, de contar aos meus leitores, porque lhes supponho sempre muita curiosidade, o que era que estava escripto nas margens do livro, embrulhado em pergaminho.

O senhor padre Thomaz, lá no seu tempo, quando era acommettido de sede poetica era aquelle livro que o conduzia direitinho ás crystalinas aguas do Aganippe, perdorem-me este torneado arcadico. Nunca fez versos, que não tivesse bebido um caneco desta inspiradora agua. Uma vez, foi a pagina negra de seu livro de poesia, dedilhou na lyra, e sahiram lhe uns versos feitos não sei a que, nos queres vinha uma brisa macia, morna e aveludada. Isto era n'uma das invernosas tardes de dezembro: os anemometros das torres giravam n'uma atafona. O poeta, como não é *cousa* deste mundo, julgou-se n'um éden de delicias, e cantou assim. Os profanos, porque o não comprehendiam, apuparam-no, como deveriam polcar o author da *Pedreira*. O poeta despeitado, teve pedaços de Byron, só lhe faltava mancar como elle. Sceptico social, o coração encheu-se-lhe de fel no seu pensar carregado, esvoaçou-lhe um pensamento luminoso, — varrer da superficie do globo, os poetas e a poesia! As margens do seu livro mythologico, foram a victima da escandecencia da imaginação. Vasou, perto d'aquelles nomes pouco euphonicos, toda a pegonha que os homens innocularam no braço e nas cordas da sua lyra. De certo, se um dia apparecerem os seus escriptos, todos os poetas despertarão do campo da idealidade, para jurarem bandeiras nos arraes do positivismo. Ah! vão uns periodos, dos quaes bem se deprehende

a accimonia com que escreveu Thomaz de . . .

« O poeta, jamais chegará á vellice da intelligencia! Aprende d'orelha; sente com força de vapor; nada aprofunda, e pouco depois esquece-se de tudo! . . . »

« O poeta, ergue-se pela manhã, Nero faz versos descreven-lo o vistoso panorama que Roma offerceria quando era tola uma chama. Faz mais duas estrophes inofensivas a Agrippina, dando-lhe parabens, por deitar a este mundo um tal filho. Entre o almoço e o jantar, tornea a phrase, alambica a expressão, e faz-se metricas. Mais duas horas, e eis-o outra vez *tyrainno*, pelo to á lyra a ferocidade de Helleogabano. A' noute, de braços crusados, chora, arrepele-se, protesta, e concilia o somno recitando uma poesia que principiara, offercida á beatifica organisação de Tito. Levanta-se ao outro dia, espreita se as florinhas teem orvalho, e faz uma duzia de quadras, todas de fitinhas, de bules-bules e de brisas. » . . .

« O lugar d'honra, que o Plutarco reserva no Pantheon para o poeta, tem um doceito todo frimbrado de pannachos e de papeis de cores. » . . .

« Toda a bagagem do poeta, quando caminha para o templo da immortalidade, reduz-se a umas poucas de canastras recheadas de metaphoras, rimas, antytheses, tropos e metonymias » . . .

« O homem, pode ser tolo, sem ter nascido poeta » . . .

Ja podem os meus leitores ver, como foi nobre e cavalheirosa a desforra, que tirou o homem, a quem o mundo não deixou ser poeta.

Vamos agora ver como Ignacio Lumieira fez a sua entrada na casa do Tenente.

Mul este bom pae chegou defronte de casa pôs-se em cima d'um portello, que estava perto da eira, e principiou a clamar com toda a força do pulmão: — O' Benta? Bentina . . . anda cá, que te quero dar um abraço. — Toda a gente da casa correu á eira, pasmada do que via e ouvia. A senhora Benta, ao ouvir chamar *diminutivamente*, pelo seu nome, deu um suspiro, como quem se lembrava com saudade dos seus desoito.

O bom do marido animava a cara chupada da sua consorte, emquanto que os outros, palermas, como os indigenas de Moçambique, quando viram as barbas de Vasco da Gama, (é força de simile) esperavam ver a ultima scena d'aquelle engraçado *vaudeville*.

Ignacio, contou tim tim por tim tim todo á sua Benta, e ao outro dia por horas do sol posto, entrava o estudante na casa de seus paes, assooprado e inchado, como se viesse de descobrir as Indias.

O Manoel da Silva, divertiu-se muito nos

serias. Conversou, a bom conversar com todas as cachopas mais flamantes da freguesia: recitou muitos versos de Virgilio, a sua irmã Aninhas: fez ler ao pae, umas poucas de vezes a arte do Gomes de Moura, e ja dava seus conselhos aos outros rapazes, a quem tratava com bastante inferioridade, mas que elles não comprehendiam, porque não eram estudantes.

Toda a gente amava o estudante do Timento, á excepção de duas unicas pessoas; um creado de seu pae, a quem o Manoelzinho, perguntava todas as manhãs: = O bos bovis, rumi-na bem a frondeum? — esta estopada ao levantar da cama, era d'irraivecer um fleumatico britanico, quanto mais o Pantoumeiro, nome, porque o moço era conhecido. O outro, era Domingos Fiusa, que nunca passou pelo estudante, que não resmungasse entre dentes: = Pode ser... mas ja tens muita chieira.

(Continúa.)

Fernando Castiço.

FORTUNAS COLOSSAES D'ALGUNS RICOS PARTICULARES DE ROMA.

Ce résultat si remarquable parle plus haut que tous les raisonnements.

Dupasquier — H'soir, des Eaux d'Allevard, pag. 324.

I.

No meio do extraordinario luxo em que nadava Roma, nos fins do regimen da republica, e nos começos dos primeiros tempos do imperio; eram tam grandes e tam excessivas, tam gigantescas e tam desconmunaes, as fortunas collossaes d'alguns ricos particulares de Roma, que de todo se quèda surpresa a intelligencia do historiador, quando acaso se intran-cha no estudo comparativo, na discriminação minuciosa, da grande opulencia e da grande miseria romana!

E tanto mais surprezos, tanto mais maravilhados de feito, costumam então ficar, n'esta parte, os discriminadores da historia de Roma, quanto é certo pela mesma historia, que ao lado d'um pequeno numero de Rothschilds romanos, acobertados sob os luxuosos tectos d'um e outro palacio da capital do mundo, só então reinava por outro lado, no resto do paiz em geral, uma verdadeira pobreza mesquinha, uma strictissima miseria, na mais completa antithese com essas prodigalidades collossaes.

II.

Esse ouro das riquezas luxuosas em que

nadava Roma, nesses antigos tempos em que a republica descia ao tumulto invergonhada, para ser substituida pela pompas e atavios da real-za; — esse ouro colossal da cidade dos sete montes, sobrenadando ás barcadas no meio dos mares da miseria geral, era apenas o só fructo vergonhoso de centenaes de conquistas traiço-iras; — era apenas o só lucro sordido de milhares de depredações, nos governos que estavam confiados aos proconsules e aos legados, sem que todavia diffundisse a abundancia e a felicidade pelas diversas classes de cidadãos. e por ventura evitasse as muitas necessidades do povo!

Longa, porem, longa seria a serie das reflexões amargas, a que de verdade nos impelliria este assumpto historico de Roma; se por ventura nos houvera-mos agora d'intranchar a fundo por esses vastissimos campos da existencia romana d'então.

Teriamos de fallar, por força, das muitas habitações d'alguns particulares de Roma, entre as quaes, por exemplo, só a casa do grande Cicero, apesar do não excessivo da sua fortuna, lhe viera a custar uns 110 contos da nossa moeda; para não fallarmos da casa do famigerado Lucullo, comprada por 200 contos, ou da casa do celebre Publio Clodio, a qual lhe viera a custar uns 562 contos em dinheiro do nosso, alem d'outras muitas casas de campo, nas quaes é que de feito consistia o grande luxo, a maxima magnificencia, dos maiores ricos de Roma (Cicero, De Leg. III. 13. e Ad Att. XII. 40; Tacito, Ann. XVI. 34).

Teriamos de fallar, impreterivelmente, da luxuosa mobilia desses ricos mesmos, qual era, por exemplo, aquella decantada meza de Cicero, comprada por uns 32 contos de reis; qual era, por exemplo ainda, aquella famigerada colcha de panno de Babylonia, com diversas cores nos seus tecidos, comprada por Nero no valor d'uns 124 contos; qual era, por novo exemplo ainda, aquelle decantadissimo painel de *Venus Anadyomena*, (VENUS A SAHIR DO MAR), comprado por quasi uns 57 contos, qual era aquelle prato *promulsis* de 500 libras de prata pura, servido sempre no meio de 8 outros pratos de prata de 100 marcos cada um, prato memoravel de Drusilano Rotundo, thesoureiro do imperador Claudio nas Hispanhas; qual era, por mais outro novo exemplo ainda, qualquer d'aquelles celebrados copos ou vasos murrhinos, entre os quaes se avaliára em quasi uns 200 contos, ou 300 talentos de Roma, o copo quebrado por Tito Petronio antes de morrer, quando fôra por Nero condemnado á morte; e qual era, por ultimo exemplo alfim, aquella estatua celeberrima d'Apollo, transportada do Ponto para o Capitolio por Lucullo, comprada n'esas eras propectas por uns 384 contos pelo menos!! — Pois tal era, com effeito, a predilecção inthusiasta dos romanos pelas estatuas em geral, que até nos seus proprios jar-

dias as faziam elles collocar com a maxima profusão (Cícero, Dom. 43; Plinio Junior, Ep. VIII. 18).

III.

E não só, de verdade, nós teríamos de nos intranchar então, com muito sobejo miudeza, no exame comparativo de semelhantes especialidades da mobilia romana; senão ainda também, que d'outras egues especialidades do luxo de Roma, desde Sylla até Plinio Junior em especial, nos cumpriria fallar igualmente, ou fóra mesmo d'esses tempos ainda.

Teríamos que fallar, por exemplo, do luxo das essencias preciosas, do luxo dos perfumes exquisitissimos, com os quaes as damas de Roma costumavam perfumar os seus cabellos (Ovílio, Metam. V. 53; Tibullo, III. 4. 28); deo da especificação dos seus muitos cosmeticos luxuosos (Seneca, Cons. ad Helv. 13; Juvenal VI. 460; Plinio Senior, XI. 44; Marcial, II. 41, e VIII. 33. 47; Ovidio, Ars Am. III. 199) ainda mesmo impregna-los com exeseo por alguns dos proprios romanos como era que costumava fazer o imperador Ottho entre outros (Suetonio, Vit. Otth. 12; Juvenal, II. 107). — E teríamos também que fallar, por analogo exemplo ainda, de todos e cada um dos multiplicados objectos luxuosos do tocador d'uma romana, objectos tantos e taes, em tanta profusão e em tanta diversidade, que os escriptores desta capital do orbe lhes deram até o epitheto de *mundo mulheril* (Tito Livio, XXXIV. 7). — E teríamos que fallar allim, para d'uma só palavra, o especificarmos em summa de tudo quanto na sede do imperio do mundo na cidade de Romulo e de Remo, conspirava para as luxuosas delicias e faustos devassalados romanos, luxo e fausto provo a lor da tina social de Roma, de que nos traem, bem sombrios quadros os seus proprios escriptores (Salustio, Vit. Catil. 13; Juvenal VI; 291, e XI. 14).

IV.

Deixaremos em completo silencio a historia peculiar de semelhantes especialidades de luxo romano, especialidades historicas muito por muito exemplificadas e commentadas por Peignot, moderno historjador archeologo dos mais laboriosos, e dos mais memoraveis igualmente, da academia das sciencias e das bellas letras de Dijon. — Por nossa parte, neste pequeno esboço das *riquezas colossales* de Roma, apenas deixaremos fallar agora os numerosos factos das *fortunas discommunes d'alguns dos grandes ricos romanos*: — factos estes os quaes de per si só mais alto fallará de feito, do que tolas as observações ou considerações sociaes, que nós acaso houveramos d expender neste logar. — É um quadro talvez, cuja es-

tricta exacção poderá por ventura ser contestada no titulo, mas que nós cremos digno da verdadeira attenção do prescuntador, da verdadeira reflexao dos amadores do saber.

(Continua.)

J. J. da S. Pereira-Caldas.

CHRONICA LITTERARIA.

Algunas reflexões sobre certos Absurdos Ontologicos que se encontram nas Noções Elementares de Ontologia, Psychologia Racional e Theodicea, ou Metaphisica de Genuense, reformada por M. Pinheiro d'A. e A. (Edição de 1845), escriptas em pró da religião e para desengano da mocidade.

Por

J. F. M. S.

Este pequeno opusculo, generosamente offerecido a esta relacção pelo seu auctor, merece sem duvida da nossa parte egues encontros, como aquelles que o periodico = *A Instrucção Publica* do Lisboa, de 1.º de Julho, lhe tributa.

Da nossa parte, alem de cordalmente agradecermos a oferta, alegramo-nos de ver que o seu auctor, no despontar das lides litterarias, nos já apresenta um opusculo, e que não só revela n'elle engenho e talento, mas ainda tambem os summos desejos de — DEFENDER A FÉ — D. SENG NAR A MOCIDADE — E SER UTIL À SOCIEDADE.

O talento do sr. Marnoco é de sobejo conhecido pela brilhante carreira escholar que s. s. já concluiu; e tambem se acha confessado pela relacção do *Pharel do Minho*, no seu n.º 239, quando pertendeu refutar algumas palavras de que aquelle joven se serviu como = *absurdos ontologicos e desengano da mocidade*. E demonstrado assim o talento do sr. Marnoco, claro fica, que o pequeno opusculo com que s. s. nos mimosiou, não pode deixar de ser obra primorosa.

Os illustres e mui auctorisimos R. R. da *Albana Catholica*, no seu n.º 88, recommendam com muita razão esta obrinha, como particularmente indispensavel á *classe escholar*; e nós supplicamos aos *pais de familia* que ao menos, em quanto nao chega a decisão de Roma, não consentam que seus filhos ouçam, na aula respectiva do Lyceu de Braga, essas doutrinas do compendio impugnado, visto que em grande parte são simples e miseravel copia de auctores estrangeiros, já condemnados pela Santa Sé!

O acolhimento que este opusculo tem recebido, é uma prova não equívoca de que se acham bem coroados os trabalhos e fadigas do

mancebo, que logy no seu primeiro ensaio litterario se nos apresenta, tam esperançoso. E confiamos que não se resumam só n'este pequeno, mas laborioso trabalho scientifico, as esperanças que nutrimos de ver progredir assim na republica das letras um nome que tanto pode abrilhantar o cathalogo dos escriptores patrios, e alguns d'elles de muito nomeada.

Livaria Catholica. — É debaixo d'este titulo que o sr. D. José d'Almada e Lancastre, auctor da *Prophecia* e redactor do *Seculo XIX* se propõe apresentar-nos uma colleção d'obras traduzidas em verdadeira lingua vernacula. A reputação que s. s.^o tem sabido grangear como escriptor publico, é testemunho bastante para podermos esperar que as obras que vão ao prelo sejam, alem de bem vertidas, de reconhecido merito, e verdadeira instrução para todas as classes da sociedade, com especialidade para o clero portuguez.

A escolha das obras com que o sr. Lancastre enceta esta util publicação, é a melhor possível, e basta dizer que a primeira é a *Razão Catholica e Razão Philosophica* do padre Ventura de Raulica, e a segunda, o *Catholicis mo comparado com o Protestantismo*. . . do sem pre chorato Balues. Tambem o sr. Lancastre tenciona publicar a obra de M. Nicolas — *Estudos Philo ophicos sobre o Christ anismo* — e o magnifico livro intitulado — *Solução dos Grandes Problemas*, e o *Sacerdote perante o seculo*.

Não ha duvida que todas ellas são magnificas, e que serão recebidas com effusão d'un verdadeiro reconhecimento.

Louvamos muito a empresa de que se encarregou o sr. Lancastre, e pela nossa parte tributamos-lhe uma eterna gratidão por assuquerer vulgarizar obras tão magnificas, e com ellas a instrução de que tanto carree o nosso paiz, attentas as circumstancias da epocha.

Publicou-se um folheto, que contem as *Poesias endereçadas em Braga ao Eximo Violinista Vimaranesse* Francisco de Sá Noronha, e a sua biographia, coordenada pelo lente de mathematica do Lyceu d'esta cidade, o ill.^{mo} sr. Caldas, o qual publicou agora tambem esta biographia, na imprensa do *Moderado*, com mais extensão, em 1 folheto de 8.^o

Diccionario Bibliographico Portuguez.

— Estudos de Innocencio Francisco da Silva. —

É de reconhecida utilidade e importancia esta obra, que, segundo o prospecto que por ali corre de mão em mão, satisfará á necessidade dos leitores estudiosos e eruditos. A facilidade com que os nossos litteratos se podem escapar de qualquer embaraço em que se encontrem nas lides da intelligencia, por meio d'este diccionario, é inquestionavel. A publicação

de tão importante e esmerado trabalho merecerá o voto dos homens de saber, e preencherá a lacuna que existia nas paginas das nossas letras patrias, e seu auctor colhendo os louros que lhe competem por acabar esta obra de tão reconhecida vantagem, collocar se ha a par de muitos outros, que se infleiram nas alas de bem fazer ás letras e ás sciencias.

Prescindimos de marcar aqui as minuciosidades d'esta obra porque o não permite a capacidade do nosso periodico; mas não prescindimos de dizer que o auctor, conhecendo bem a posição da sociedade actual, restringiu o preço de tal modo, que as classes inferiores mui bem a podem comprar.

Celestino Seixas.

O QUE SENTES?!

Quem me dera lindas trovas
Para ó bella, te cantar!!
Quem me dera uma harpa d'ouro
Para, ó bella, te offertar;
Quem me dera ter voz d'anjo
Para um hymno te sigrar!

Mas eu d'anjo a voz não tenho,
Harpa d'ouro tambem não: ..
Minhas trovas não são trovas
São gemidas de paixão!
E nem sei dizer-te ó virgem,
O que sinto; cre que não.

Se soubesse tu verias
Quanto amor borbulha aqui,
Eu só queria contar-te
O que sinto, o que senti
Quando pela vèz primeira
Casta virgem eu te vi.

Se pudesse abrir meu peito,
E mostrar-te o coração,
Tu verias nelle escripto
A minha ardente paixão,
Tu verias lá gravado
Amor, vida, animação.

Mas não posso!... e tu não podes
Linda flor, comprehender
O amor que eu aqui dentro
Bem acceso sinto arder,

Olha é muito, tanto, tanto,
 Que eu até nem sei dizer!!
 Talvez julgues que te minto?
 Quando digo o meu sentir!..
 Mas repara nestes olhos ...
 Não os vês a refugir?
 O que se passa cá dentro
 Não os vês a trasluzir?

Oh se vês... e tu bem sabes
 Que este amor já não tem fim:
 Que eu te adoro com delirio
 Tu bem sabes: não é assim?
 Oh! mas diz-me o que tu sentes,
 Dize o que sentes por mim...
 Março do 1856.

Explicação das charadas do n.º antecedente

1.º == REMORSO ==

2.º == ANAGRAMMA ==

CHARADA.

2 } Aquelle que me não tem,
 Não sabe do bem que goza.
 Aquem he meu inimigo
 Quizera ver-lhe ua groza.
 Acometto toda a gente:
 Não poupo sexo nem côr;
 Tim-me o Fidalgo, o Peão,
 O General, o Tambor:
 Do pobre Maraco até
 M'encoutram no post'rior.
 E quando sou bem pregado,
 Até mereço louvor.....

2 } Aquelle que mais trabalha,
 Tenho eu cá para mim,
 Por capricho da Fortuna
 Nem sempre se torna assim.
 Muitos ha que para o serem
 Carecem d'alheio mal;
 Que o digam esses que habitam
 No Congo, no Senegal,
 E muitos dos que nasceram
 Cá no nosso Portugal!.....

CONCEITO.

Sabem muitos o que sou,

Se bem que nunca me viram:
 Somente pela experiencia,
 Dos effeitos que sentiram.
 Existo por toda a parte,
 Ânimo tudo que existe;
 A' minha acção, quando forte,
 De certo ninguem resiste.
 Por tod'a parte o Eterno
 De tal sorte me exparziu,
 Qu'immimamente elastico,
 Hum sabio me definiu.

A. P. d'Araujo

EXPEDIENTE.

Não podêmos deixar desapercibido um pequeno *cavaco*, que o *Almadense* no seu n.º 27 dirige ao *Murmurio*, de só ter recebido dois unicos numeros d'este periodico. — Podêmos affiançar á redacção do *Almadense*, que lhe temos remettido todos os n.ºs do *Murmurio*; e se lh'os tem tirado pode-se queixar, não de nós, porque a culpa não é nossa, mas das differentes repartições postais.

Não temos recebido os ultimos 7 n.ºs do *Seculo* 19. Estamos em acreditar que esta falta não provem da redacção, por que esta, bondosamente se prestou a trocar com o nosso periodico, o qual nunca deixou de lhe ser remettido. Donde nascerá ella?

Regainos aos snrs assignantes do fóra da cidade, que se acham em debito a esta redacção, tenham a boudade de mandar satisfazer, pelo seguro do correio, ou por onde melhor lhes convenha.

E n'aquellas terras onde temos correspondentes esperamos se dirijam a elles.

Aquelles, dos snrs assignantes que não fizerem declarar a esta redacção, que deixam de ser assignantes do *Murmurio*, continuarão a ser, considerados com taes.

A redacção, para não deixar de trazer as suas contas regularizadas em dia, por isso é que se vê forçada a fazer esta declaração aos seus illustres assignantes.